

# GLOBALIZAÇÃO E RELIGIÃO: COMUNICAÇÃO, MÍDIA E MERCADO

*\*Professor de Teologia no  
ITESP e do EDT*

*Carlos Josaphat\**

**Resumo:**

*O a. busca relacionar o momento atual do que se convencionou chamar de globalização e a fenomenologia religiosa. Partindo da experiência cristã, que desde o início se pensa como uma experiência globalizada, o autor considera o momento atual. Globalizações, e maior ou menor escala sempre houveram, mas a atual teria seu início na época dos Descobrimentos e apresenta características peculiares. É nesta situação história que o a. avalia o espaço do religioso em sua ambigüidade. A religião passa a ser compreendida como uma espécie de ponto de chegada de interesses individuais e sociais ao mesmo tempo (uso da religião, manipulação, contribuição ética, etc.). A partir do conceito de sagrado o a. busca relacionar a religião e os meios de comunicação de massa sem demonizar o momento cultural atual, e dentro deste campo, insere o desafio da Igreja contemporânea (anunciar novas formas de pensar, sentir, agir e viver).*

**Chaves:**

*Globalização: religião, Religião: Globalização.*

## INTRODUÇÃO

As grandes viradas históricas surgem sempre como desafios para o conjunto da cultura e muito especialmente para a religião. Esta se vê então intimada a assumir uma nova forma conveniente de inculturação, sob pena de perder sua capacidade de presença e de influência na sociedade e na vida dos indivíduos.

É o que se passa hoje com o fenômeno abrangente e acelerado da globalização. Ela é a última vaga que recobre todos países e todos os continentes, fazendo transbordar uma série de marés montantes pelas quais o Ocidente vem invadindo com seu modelo de cultura tecnológica todos os cantos e recantos da terra.

Torna-se necessário precisar os traços que definem a globalização, considerando os dois aspectos que a caracterizam, afirmando-se diferentes pela qualidade de seu conteúdo, mostrando-se no entanto conexos e até convergentes em seu dinamismo histórico:

- primeiro, a globalização encarada como um dado objetivo, como um processo de universalização dos intercâmbios, sem levar em conta suas qualificações éticas ou puramente ideológicas.
- segundo, a globalização analisada em sua realidade concreta, marcada pela persistência, pela acentuação ou pela modificação das heranças históricas, pelas formas mais ou menos autênticas ou distorcidas de relações entre povos, nações e continentes. A globalização, em um e outro desses dois paradigmas, constitui uma série de desafios lançados hoje à religião.

## 1. O DESAFIO DA UNIVERSALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, DA TECNOLOGIA E DE TODOS OS PLANOS DA CULTURA.

A globalização encarada em seu elemento genérico de universalização das relações entre os povos já levanta uma série de problemas e desafios à religião considerada em seu projeto missionário que se abre como um leque ilimitado buscando abranger toda a humanidade.

Desde as origens, o cristianismo utilizou com grande proveito a unificação do mundo mediterrâneo, que resultava da universalização da comunicação, da língua e da cultura, realizada pelo império romano e pela civilização helênica e hebraica. O Evangelho poderá difundir-se graças à força divina de sua mensagem, apoiando-se nessas facilidades oferecidas pela *ecumene*, por certa unidade apresentada por toda a terra habitada. Mestres cristãos como Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho darão grande relevo aos valores do mundo romanizado, amoldado pela cultura e regido pelo direito de Roma e exaltam mesmo o encontro (providencial!) do Império com os valores superiores trazidos por Cristo.

Pode-se considerar que na época patrística, nas grandes Igrejas e nas obras primas de doutrina que nos legaram os

Padres da Igreja, resplandece o modelo mais eminente de inculturação dos dados evangélicos dentro de um contexto histórico e cultural.

Alguns missionários, muito especialmente o dominicano frei Bartolomeu de Las Casas, na época dos descobrimentos, evocavam, muito a propósito, esse exemplo patrístico de inculturação. Las Casas realça o encontro senão a simbiose da Igreja com os costumes e as instituições dos povos gregos, romanos, gauleses, iberos, anglos, germanos, eslavos. E proclama a necessidade de uma inculturação semelhante do cristianismo vindo da Península Ibérica e sabendo acolher as ricas culturas e tradições da América pré-colombiana. Infelizmente essas vozes proféticas não foram ouvidas com a devida atenção.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ver de C. JOSAPHAT, *Las Casas. Todos os direitos para todos*. São Paulo, Loyola, 2000, 384 p.

A difusão do cristianismo acabou se fazendo dentro dos moldes de uniformização cultural, de uma catequese rígida em sua normas doutrinárias e morais, pouco acolhedoras das formas de pensar, viver e sentir das populações índias e negras, que se afirmaram sem dúvida, em uma espécie de simbiose histórica, mas sem ser reconhecidas e homologadas como teria sido desejável.

## 2. O DESAFIO DA GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA E CONCENTRACIONÁRIA

Assim, o encontro de novas terras e de novos continentes prenunciava e esboçava um intercâmbio universal entre os povos, que assumia o caráter de colonização, acompanhada ou sacralizada pela obra de evangelização.

Temos aí o início da atual globalização. Ela se manifesta como o ponto de chegada do processo histórico de universalização, levando ao encontro de todos os povos, em virtude do progresso do sistema de comunicação de pessoas, de mercadorias, de serviços, de notícias, de sentimentos, de atividades artísticas, culturais e religiosas.

Mas esse processo histórico prolonga muitos dados e muitos aspectos de dominação de uns povos sobre outros, de vastas regiões e mesmo de continentes influenciando sobre os outros de forma desigual. Sobretudo, nas relações do chamado Velho Mundo com o Novo Mundo, ou seja dos países técnica e culturalmente mais desenvolvidos com países menos avançados continuam e se intensificam as formas e as conseqüências das antigas colonizações e modalidades menos ostensivas mas não menos reais de colonialismo.

Esses fenômenos de dependência internacional ou inter-regional que caracterizam a globalização atual vêm a ser sobre-

tudo a concentração do crescimento econômico e tecnológico nas regiões que chegaram primeiro à posse e à disposição do progresso e dos recursos técnicos e científicos. Essa concentração faz com que a globalização seja marcada pela tara da desigualdade, que tende a se afirmar e se ampliar por uma espécie de efeito cumulativo dos fatores que a causaram.

A tendência à concentração e à desigualdade faz parte do sistema econômico, pois são propriedades do capitalismo liberal, estabelecido em um jogo de mercado desequilibrado, pois falta um mínimo de proporção entre os parceiros econômicos. Uns são excessivamente fortes, como os grandes Estados e as entidades transnacionais, e outros são demasiado fracos, dependendo das decisões e orientações do que eu chamaria os monstros frios, pois só são motivados pelos seus próprios interesses, mesmo quando se inclinam a fazer doações e a perdoar dívidas.

Sem ir mais longe em nossa análise, podemos voltar à questão crucial para a religião. Qual a relação de influência recebida ou exercida que se observa entre a globalização e a religião, nomeadamente para o cristianismo e muito particularmente para a Igreja?

Começemos por constatar: a religião, o cristianismo, a Igreja são partes integrantes da atual globalização, como eram elementos importantes e influentes no processo de colonização que se inaugurava na América, logo após os descobrimentos. Qual foi o tipo de relação do modelo de colonização com a Igreja, enquanto instituição, poder hierárquico ou comunidade de evangelização, catequese e santificação?

É evidente que sua influência sobre o sistema de colonização, sobre a qualidade humana de sua organização e de seu funcionamento não foi decisiva. Ela não se opôs de maneira eficaz à escravidão e a toda a rede de desigualdades sociais que perduraram em nossa história sobretudo na época colonial. Mas não nos detenhamos em fazer o exame de consciência de nossos antepassados. Basta que as lições da história possam despertar e avivar nossa consciência sobre os problemas atuais e nossas responsabilidades de hoje.

### 3. A RELIGIÃO NO JOGO DO PODER E DO MERCADO, COMO SUCESSO E PRODUTO DE VENDA

A religião como experiência pessoal e como fenômeno social ocupa um grande espaço na civilização atual. Mas o interesse geral pela religião é ambivalente e mesmo ambíguo. Há sem dúvida quem se volta para a religião nela buscando sua mensagem própria de fé, esperança e amor, pedindo-lhe uma

luz e uma orientação capaz de dar um sentido plenamente humano e mesmo transcendente à vida de cada dia. Porém, o mais freqüente é situar e circunscrever a religião em uma faixa restrita da existência individual, sem influência efetiva na história de cada um e menos ainda na história do país e da humanidade.

### 3.1. A religião sob os flashes da mídia e da civilização globalizadas

Para facilitar nossa análise, convém portanto distinguir:

- A busca da religião, especialmente do cristianismo, encarados no que a fé encerra como mensagem, promessa e exigência específicas, reclamando o dom de si e uma opção pelos valores capazes de conduzir e elevar a existência humana pessoal e social.
- O interesse pela religião como curiosidade, como fenômeno exótico, como elemento de poder, como utilidade, como objeto de mercado ou de terapia por exemplo.

Pois, mais do que a simples descrição do que se passa com a religião na sociedade atual dominada pelo economismo, havemos de buscar analisar as redes de dependência e enquanto possível detectar os laços de causas e efeitos. Hoje como no passado, a religião surge em uma espécie de ambivalência ou mesmo de ambigüidade, na medida em que atrai os indivíduos e a sociedade,

- Seja indo simplesmente ao encontro dos seus interesses, respondendo à demanda de seus desejos egocêntricos,
- Seja surpreendendo-os pela oferta de valores que lhes transcendem a expectativa e lhes abre caminhos para um projeto de vida na gratuidade do amor e da solidariedade universal e efetiva.

### 3.2. Conflitos de interesses e de valores

A vida humana pessoal e social se desdobra como um tecido de interesses e valores. Definimos como interesses os princípios de motivações, decisões ou ações, fundados no bem particular dos indivíduos ou grupos. Esses interesses podem ser legítimos, na medida em que não contrariam ou excluem os valores éticos.

Esses valores têm um caráter universal, pois se inspiram no reconhecimento da dignidade da pessoa, na necessidade de respeitar e mesmo promover todos os direitos para todos, dando assim o primado ao bem comum sobre o interesse particular.

A vida humana em sua dimensão pessoal e social será objeto da ética precisamente porque ela é animada por esse duplo

dinamismo entrelaçado, por vezes inextricável, de interesses e valores. Pois, deve-se levar em conta a contínua intervenção das ideologias que tentam dissimular o caráter particular dos interesses, justificando-os mediante o apelo aos valores éticos. Assim, em nome da liberdade defendem-se os abusos do liberalismo no mercado do trabalho ou em outros domínios importantes da vida social.

### 3.3. A religião como feixe de interesses individuais e sociais.

Ora, a religião surge ao longo da história como um campo privilegiado de entrelaçamento de interesses e valores, chegando à ideologização dos interesses pelo recurso ao prestígio dos valores éticos, e, nesse caso, dos valores religiosos.

A religião, concretamente a Igreja, se desdobrarão como vastos domínios de interesses, disputados por membros da própria religião ou por estranhos que procurarão se valer dela para tirar vantagens em outros domínios.

#### 3.3.1. *Ambição e abuso do poder religioso*

Em toda sociedade, a ambição do poder, transformado em instrumento de proveito particular é um dos desvios éticos mais nefastos. Na Igreja, semelhante abuso é um pecado qualificado. Jesus estabelece uma autoridade apostólica na Igreja. Mas a sua grande insistência é que ela é de outra natureza e se há de exercer de forma totalmente diferente do que fazem os ambiciosos do poder.

Hoje como no passado e mais ainda do que no passado, o poder na Igreja e a influência desse poder na vida social, especialmente na política, é o que mais desperta o interesse na sociedade, sobretudo nos profissionais da política. Na medida em que o poder religioso se exerce de maneira arbitrária, fora de qualquer participação dos fiéis, a Igreja se torna hoje um instrumento facilmente manipulável seja diretamente pelos políticos seja mediante a mídia colocada a serviço deles.

A globalização, enquanto concentração da mídia e de seu poder de influência na opinião pública, vem introduzindo formas sub-reptícias, mas terrivelmente eficazes de perversão do exercício do poder na Igreja e de utilização desse poder no plano da vida social e particularmente da política.

#### 3.3.2. *Mercantilização do sagrado. Simonia.*

À semelhança do que se passa com o poder, o Evangelho procura premunir a Igreja contra a sedução do dinheiro e a

mercantilização do sagrado. “De graça recebestes, dai também de graça.” Mas, a simonia, a compra e venda do sagrado, sempre ameaçou a vida da Igreja, sobretudo em épocas de cristandade. Agora o fenômeno se ampliou, se universalizou, transbordando os recintos da Igreja, em uma comercialização generalizada de religião, de superstição e exotismos de toda espécie.

Práticas antigas, que tinham revelado sua ambigüidade ao longo da história, se avolumam e intensificam hoje sendo levadas e alimentadas no bojo da comunicação e do comércio globalizados. Assim as celebrações de santos famosos, muitos deles legendários, as peregrinações a santuários, as venerações de imagens e relíquias, são envolvidas na grande vaga de buscas de curas e milagres e de um turismo altamente industrializado. Sem dúvida a ambivalência dessas práticas pode ser superada e movimentos de piedade popular, como as peregrinações mariais podem estar a serviço da evangelização e de uma pastoral iluminada pela fé e pela busca da justiça e da solidariedade. É o que me parece realizar com muita qualidade técnica e humana o Santuário da Aparecida, sob a orientação de Dom Aloísio Lorscheider e dos Missionários Redentoristas.

### 3.3.3. *Teatro, festa e encenação*

Outro aspecto da religião se presta grandemente à comercialização. É o lado festivo do culto e de muitas atividades coletivas. A própria liturgia comporta uma parte de encenação, que há de ser discreta e a serviço da celebração dos mistérios, da verdadeira piedade comunitária e de uma conveniente pedagogia popular.

O caráter tradicional do culto litúrgico pode ocasionar certa falta de vida, atualidade e mesmo certa dose de arcaísmo. Ao invés, a tendência de concorrer com a mídia pode levar a uma teatralização excessiva das cerimônias religiosas. Semelhante risco é mais acentuado pelo fato de que essa teatralização favorece a entrada nos modernos meios de comunicação, a televisão, fazendo de nossas igrejas ruidosos e assanhados auditórios de TV, uma fonte de diversão e, direta ou indiretamente, uma fonte de renda para algum sabido mas alienado pessoal da Igreja.

### 3.3.4. *A religião como oferta graciosa de valores humanos e evangélicos*

Todos esses riscos, nada hipotéticos e até cada vez mais ameaçadores, contrastam vivamente com a verdadeira proposta evangélica: a religião deve ser uma oferta graciosa dos valo-

res humanos da verdade, da justiça, da liberdade e da solidariedade bem como dos valores evangélicos da fé, esperança e caridade, do total dom de si a Deus, ao seu Reino e ao serviço do próximo.

Para realizar esse objetivo, tornado mais difícil hoje, dada a concorrência das religiões comercializadas em suas atividades e banalizadas em seu culto, é necessária uma vida e uma organização comunitárias, uma participação ativa e constante do povo cristão. Este há de ser capaz de manter a Igreja, a começar pelo aspecto financeiro. Sobretudo, ele deve animá-la por um evangelismo autêntico e uma capacidade de garantir os recursos e os profissionais competentes para uma comunicação moderna e adaptada da mensagem evangélica.

### 3.3.5. *A religião, comunhão e sistema globalizado*

A religião que soube outrora inculturar-se a outros modelos de sociedade, tem que enfrentar a realidade atual: o mundo se organiza e funciona cada vez mais como um sistema global, que é o entrelaçamento muito bem tecido de uma rede de sistemas particulares. Não aqui damos aos sistemas qualquer sentido negativo ou conotação pejorativa. O sistema é a organização técnica, adequada de pessoas e recursos, para responder a uma função de base da sociedade. Assim a economia, a política, a instrução, a saúde, a comunicação têm hoje os seus sistemas, mais ou menos bem ajustados e eficientes.

A Igreja como comunhão da graça e do Espírito deve ser mais do que um sistema, sabendo utilizar as qualidades técnicas e a eficácia dos sistemas modernos.

Essa exigência é de ontem e de hoje. Mas hoje, estamos no ponto de chegada de um imenso aprimoramento dos sistemas, especialmente no que toca a economia e a comunicação. Esses sistemas são conexos e convergentes em seus projetos e em seu dinamismo.

De modo geral, globalização se caracteriza pelo progresso e pela conjunção dos sistemas. Se essa aliança dos sistemas vai no sentido da promoção da concentração de riquezas, de técnica e de poder em proveito de privilegiados, a globalização se torna a imensa caravana de monstros frios que se opõem à qualidade humana da civilização e a toda penetração do Evangelho na sociedade.

Bem equipada cultural e tecnicamente com os recursos e a eficiência que caracterizam os sistemas, a Igreja é chamada a ser a comunhão de verdade, de liberdade, de justiça e solidariedade. A universalidade de sua missão de sal da terra e luz do mundo nunca teve um campo tão imenso: enfrentar, transformar e elevar para Deus a humanidade globalizada.

## 4. O SAGRADO E A MAGIA DO FETICHE

Já abordamos, ao menos de maneira alusiva, o tema da sedução do sagrado, se exercendo hoje no mundo globalizado e sofrendo as conseqüências da verdadeira magia dos diferentes fetiches modernos.

### 4.1. Sedução do sagrado

Constata-se hoje uma verdadeira sedução do sagrado, o que é uma novidade, em contraste com a secularização generalizada e o abandono coletivo da religião nos dois últimos séculos. Destaquemos as notas mais ostensivas desse fenômeno.

- Uma de suas primeiras características é uma espécie de sofreguidão com que se volta para a religião e mesmo para as religiões, pedindo-lhes que preencha um grande vazio afetivo. A civilização com seus avanços, com a recusa da repressão dos apetites e o incentivo da emancipação dos desejos, criou uma imensa nebulosa de sonhos e aspirações, de sede de felicidade individual e coletiva.

Por outro lado, as grandes inovações, as invenções técnicas e científicas parecem ter instigado essa sede, sem se mostrar capaz de saciá-la, ocasionando mesmo outras fontes de misérias, de inseguranças e desassossego.

- Assim, o recurso ao sagrado faz as vezes de terapia do estresse para os homens e as mulheres, vítimas do sufoco, vendo-se às voltas com a dificuldade de responder às exigências de trabalho, de qualificação para as tarefas, para o ritmo e a constante flexibilidade, mais e mais reclamada pela industrialização, em sua marcha galopante em busca de novos modelos de produção e eficácia.
- Mais ainda, o que se pede à religião e ao encontro com o sagrado é uma espécie de terapia social. Buscam-se novos modelos de associação, de grupos, de encontros religiosos que sejam marcados pela alegria, pelo entusiasmo, que tragam uma nova força espiritual, para enfrentar um mundo pesadamente materialista e fechado dentro das muralhas do individualismo. Temos assim movimentos da Nova Era que retomam e mesmo ampliam os movimentos carismáticos e pentecostais do passado.
- Note-se que em alguns desses movimentos, não falta espaço para aquilo que dá verdadeiro sentido ao sagrado: o apelo à plena realização do ser humano na abertura à transcendência, ao encontro profundo e amoroso com Deus. Também é a grande oportunidade para a religião, especialmente para a Igreja de Cristo, a grande mensageira do Amor Universal, de Deus nosso Pai, que nos fez para Ele e nos chama à felicidade em cada momento da história.

## 4.2. Magia do Fetiche

Em harmonia com essa volta à religião ou pelo menos à religiosidade, com essa busca do sagrado, verifica-se um fenômeno que pode comprometer e desviar todo esse imenso processo histórico: é a magia exercida pelo fetiche.

- Salientemos brevemente o fenômeno social, psicossocial do fetiche, que ocupa vastos espaços de nossa cultura, a começar pelo nosso comércio.

O fetiche é o objeto transformado, transfigurado para além de toda utilidade ou serventia. Ele é enriquecido de um sentido e de uma força excepcionais. É um símbolo portador de uma mensagem lançada como preciosa e eficaz, imitando, universalizando e pervertendo a função dos sacramentos ou sacramentais da Igreja.

## 4.3. O fetichismo na comunicação moderna

Seria interessante analisar esse fenômeno, situando-o no conjunto de nossa civilização moderna e pós-moderna. O fetichismo faz parte da comunicação no que ela tem de mais quente. É uma das faces mais vivas do processo de exaltação dos ídolos, pessoas ou coisas, em uma espécie de apoteose universal. As coisas se tornam fetiches que envolvem, penetram, perfuram, tatuam os ídolos que brilham, dançando, se contorcendo, bamboleando, cantando e gritando sob os flashes da mídia, enfeitando os fãs e conquistando clientes para comprar objetos fetiches. O fenômeno é portanto circular, os fetiches estão no começo, no meio e no fim do processo encantamento da comunicação moderna e globalizada, sobretudo na publicidade.

Digamos que, segundo a doutrina da Igreja, em uma apreciação religiosa rigorosa, o fetiche entra na categoria de superstições, com o risco de roçar até na idolatria.

Mas não nos apressemos em partir para as condenações e em apelar para os exorcismos. Tentemos discernir os grandes sinais do tempo de Deus neste nosso mundo, no mundo que Ele amou em seu Filho e por Ele nos confiou.

## 5. O MUNDO GLOBALIZADO E A RELIGIÃO DA COMUNHÃO UNIVERSAL

A globalização se apresenta diante da religião e mesmo de toda a humanidade como uma imensa braçada de promessas e riscos.

## 5.1. Desafio da qualidade.

A globalização da comunicação, da mídia em especial, bem como da economia e da tecnologia tem um impacto muito diferenciado sobre o domínio religioso.

### 5.1.1. *A religião da facilidade é mais vendável*

Há hoje uma exploração conduzida de maneira calculada e com muita tecnologia promocional e publicitária. Ela desperta e mobiliza os pontos fracos da população, sobretudo as amplas camadas vítimas da insegurança, do medo, do estresse, bem como dos apetites de conforto e de ascensão social.

Esse fenômeno tem uma dupla face: Uma, diretamente econômica. Enquanto uma informação econômica é oferecida de maneira séria e bem fundada aos agentes econômicos, os usuários, os clientes são simplesmente seduzidos para entrar na roda viva do consumismo.

A outra face é religiosa. Muitas empresas, especializadas no marketing, se consagram a comercializar práticas, objetos e espaços religiosos. O nosso cristianismo popular se presta maravilhosamente a esse processo de sincretismo, de misturas de elementos católicos com superstições e exotismos de toda espécie.

Essa vaga de religiosismo, estimulada e incentivada pela mídia, tem uma grande afinidade com o sistema geral, em suas dimensões comerciais, políticas e ideológicas, pois semelhante sentimentalismo pietista adormece ou anestesia as consciências, alienando-as e preservando-as de qualquer preocupação ou aspiração de caráter social.

Note-se a diferença significativa do emprego e da eficiência da mídia.

Ela e todos meios de persuasão pela publicidade, pela promoção comercial e pela propaganda exercem influência profunda e eficaz sobre os apetites, sobre o plano da mentalidade comum e não criticada. Mas, de si, não estão à altura de engendrar convicções e de transmitir os valores éticos e sobretudo evangélicos. A evangelização não se faz por movimentos de massa. A utilização inconsiderada da mídia para seduzir ou induzir a práticas religiosas leva à desvalorização da fé e da mensagem evangélica.

### 5.1.2. *A força do Evangelho e o prestígio das superstições*

Não se pode colocar no mesmo nível a força do Evangelho, que atua no mais profundo da pessoa, e o prestígio das su-

perstições, que toca o campo dos desejos e medos, nada ou pouco racionais. A influência das superstições é ampla e forte. As diferentes formas da mídia são de grande eficácia neste domínio, como no domínio da publicidade por sedução erótica e por reflexos condicionados, especialmente para objetos de consumo imediato.

Os progressos da globalização ainda aqui estão a exigir um grande discernimento, para evitar o desvirtuamento do Evangelho, a banalização do culto e a degradação das práticas religiosas.

Seria um erro e uma calamidade nivelar os avanços das superstições e os progressos da evangelização. É preciso premunir os fiéis e a opinião pública contra os males das superstições, não favorecer nem mesmo tolerar sua infiltração ostensiva ou dissimulada nas comunidades. Não permitir que se julgue da eficácia dos sacramentos e da liturgia pelo grau de aceitação que encontram em celebrações de massas. A fé é uma convicção e não um simples sentimento, ela é uma forma de pensar e de viver à luz da Palavra divina, não uma vibração superficial e passageira.

### *5.1.3. A religião e o sistema globalizado*

Encarada sob o ângulo tecnológico, a globalização se revela muitíssimo fecunda em criar e reforçar laços de comunicação no plano econômico e mais ainda no plano da diversão. Já nesses campos, em que a mídia é todo poderosa, constata-se benefícios sociais de alguma importância, favorecendo o encontro dos povos e estabelecendo vínculos de paz. É o que se verifica no vasto domínio esportivo e até certo ponto no domínio artístico.

Mas na medida em que a globalização é concentracionária, gera ou perpetua desigualdades sociais, ela se opõe à verdadeira solidariedade.

### *5.1.4. Forma de pensar e sentir*

Esta será incentivada e promovida eficazmente sob a dupla modalidade: das formas de pensar e sentir.

- Pelo combate dos preconceitos de raça, de sexo, de gênero, de religião.
- Pela difusão de idéias e imagens positivas, pelo conhecimento dos problemas humanos e sociais que os diferentes povos são chamados a viver ou a enfrentar. A mídia tende a dar uma idéia superficial ou interesseira dos países, povos e regiões da terra.

- Pela rejeição dos programas e notícias que estimulam direta ou indiretamente a violência, a agressividade e a guerra.

#### 5.1.5. *Das formas de viver e de agir*

- A paz é fruto da justiça. O processo de globalização tem coincidido com a eliminação das guerras mundiais e com certa tranqüilidade social em vastas regiões do mundo. Aí, os problemas sociais, se não foram resolvidos, já não têm as mesmas proporções do passado. No entanto, novas formas de violência organizada se estabelecem como redes perniciosas e permanentes através do mundo inteiro. É a globalização do vício, das drogas, dos assaltos, apoiada e acrescida pela globalização da corrupção.
- Essa situação de guerra ou de guerrilha apodrecidas, — pois não se visa modificar o sistema, mas utilizá-lo em proveito do crime, — decorre em grande parte das desigualdades inerentes ao próprio sistema de globalização. Ele favorece ou pelo menos aceita modelos injustos de distribuição de rendas e de enriquecimento por vias de especulação e de concentração do poder de mercado.

### CONCLUSÃO E SUGESTÕES

A religião tem na globalização a grande oportunidade de se empenhar na busca da solidariedade universal e da paz entre todos os povos.

Essa mensagem de paz e o compromisso em promovê-la estão intimamente ligados com os objetivos próprios e essenciais da religião. A religião, especialmente o cristianismo, tem como mensagem primordial pregar e testemunhar o amor universal. Essa é a primeira força de uma verdadeira evangelização.

A realização dessa missão pede da parte da religião o conhecimento da realidade, dos mecanismos e das tendências da globalização, exigindo a adoção e a difusão de uma atitude lúcida, crítica e corajosa em relação à natureza e às conseqüências da globalização em marcha em todas as partes do mundo.

*Por um lado, a globalização é um processo histórico, resultando dos progressos técnicos e científicos, do desenvolvimento da industrialização e da economia, e sobretudo da comunicação, da difusão das notícias e mensagens e do transporte das mercadorias.*

Sob esse aspecto, a globalização é um dado que não se pode esquivar. A religião tem que integrar-se na globalização,

assumir-lhe os recursos e levar em conta as condições por ela criadas ou ocasionadas.

Por outro lado, a globalização comporta uma série orientações e decisões, em parte herdadas do passado, as quais decorrem de opções livres de indivíduos e sobretudo de grupos e coletividades.

A globalização se caracteriza por uma série de problemas de ética social, política, econômica, comunicacional. Da solução positiva ou pelo menos do encaminhamento positivo desses problemas depende a qualidade humana, — de justiça ou de injustiça, de verdadeira igualdade ou de dominação iníqua, — que vai marcar os diferentes sistemas e o sistema global da civilização atual e futura.

A religião e nomeadamente a Igreja têm a responsabilidade de tomar posição e ajudar a humanidade a encarar a orientação ética da globalização, nela reconhecendo e proclamando a questão de base, a mais crucial e urgente.

Pois dessa questão dependem todas as outras: a orientação das famílias, da educação, da vida política e cultural, bem como os problemas mais determinados como o combate à droga, à violência ou aos flagelos da AIDS e outras doenças que ainda desafiam a medicina.

A globalização na sua configuração atual é como a causa superdeterminante de uma imensidade de fatores e efeitos desastrosos para o presente e o futuro da humanidade.

Ela surge portanto como o desafio dos desafios para a religião, para as religiões e muito particularmente para a Igreja, pregoeira do amor universal, “sacramento da reconciliação para toda a humanidade”<sup>2</sup>. A atitude crítica e criativa da Religião é chamada a exercer uma função terapêutica, estimulante, esclarecedora e construtiva, ajudando e favorecendo o surgimento de uma civilização universal e solidária, tornada possível pelo advento de uma globalização técnica, cultural, econômica e comunicacional.

Tal é a grande esperança que há de inspirar e animar nosso empenho e nossa luta na aurora do novo milênio.

2 Cf. Vaticano II, LG, N. 1.

## BIBLIOGRAFIA

- BOFF, L., *Ethos Mundial, um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília. Letraviva, 2000.
- CHOSSUDOVSKY, M., *A Globalização da Pobreza — Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo, Moderna, 1999.
- DUPAS, G., *Economia Global e Exclusão Social — Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

- \_\_\_\_\_. *Ética e Poder na Sociedade de Informação*. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.
- GIDDENS, A., *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- KÜNG, H., *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Projeto de ética mundial, uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo, Paulinas, 2001.
- MANCINI, R. et alii, *Éticas da mundialidade, o nascimento de uma consciência planetária*. São Paulo, Paulinas, 2000.
- MARTIN, H.-P. — H. SCHUMANN Harald, *A Armadilha da Globalização — O assalto à democracia e ao bem-estar social*. São Paulo, Globo, 1999<sup>5</sup>.
- MENDES, C., *Pluralismo Cultural, Identidade e Globalização*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- SANTOS, M., *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 2000<sup>2</sup>.
- SELLA, A., *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo, Paulus, 2002.
- YIP, G. S. *Globalização como enfrentar os desafios da competitividade mundial*. São Paulo, Senac, 1996.
- YUNUS, M., *O banqueiro dos Pobres — a revolução do microcrédito que ajudou os pobres de dezenas de países*. São Paulo, Ática, 2000.